Saubhāgya Lakṣmī Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 105. Śākta)

A 'Doutrina Secreta da Deusa da Prosperidade', essa Upaniṣad fala da deusa da fortuna, de seu hino, o Śrīsūkta, de seu *yantra*, da prática de yoga, da concentração, dos *cakras*, dos *granthis*, etc.

Sobre os *granthis*, os três nós ou bloqueios psíquicos / emocionais / energéticos, observa-se que nas notas 14 e 18, em 2.3 e 2.6, o tradutor os menciona de baixo para cima como o *rudragranthi* (o nó de Rudra) o *viṣṇugranthi* (o nó de Viṣṇu) e o *brahmagranthi* (o nó de *Brahman*, segundo a nota 18), apesar de a própria sequência no texto citar o 'nó de Rudra' por último (2.8; veja também 3.1 § 2). A informação mais amplamente encontrada a respeito do assunto cita o *brahmagranthi* (o nó de Brahmā, o criador) como o primeiro e o *rudragranthi* como o último[1].

A tradução em inglês é de A. G. Krishna Warrier, em *The Śākta Upaniṣads,* de 1967.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

---

[1] Mas isso não é unanimidade, por exemplo, as obras *The Ancient Language of the Soul*, de Nehemiah Davis, p. 145-146, e *A Guide to Shaktipat,* de Swami Shivom Tirth, p. 188, concordam com a ordem dos *granthis* como dada pelo tradutor desta Upaniṣad. Veja também a *Haṭhayogapradīpikā*, 4.70-76 e a *Yogakuṇḍalinī Upaniṣad*, 1.85-86.

Primeira Parte

Indagação sobre a ciência da Deusa da Prosperidade

1.1. Então os Deuses disseram ao Senhor: 'Senhor! Explica para nós a ciência da Deusa da Prosperidade'.

Meditação sobre a Deusa da Prosperidade

1.2. O Senhor, o primevo Nārāyaṇa, respondeu: 'Que assim seja. Com mentes concentradas, todos vocês Deuses, ouçam! Com o auxílio dos quinze versos começando com o verso *'hiraṇyavarṇām'* (da cor do ouro), etc., meditem sobre a Śrī de quatro braços (a Deusa da Prosperidade), cuja forma é aquela do Quarto[2], que está além do Quarto, que é suprema acima de todos, que está presente em todos os lugares sagrados, e que está rodeada pelas divindades dos lugares, maiores e menores.

Os videntes, etc. do Hino de Śrī [Śrīsūkta]

1.3. Agora, os videntes do hino de Śrī composto por quinze versos são Ānanda, Kardama, Ciklītta e Indirāsuta. Do primeiro verso, a vidente é Śrī. Dos catorze versos (seguintes) os videntes são Ānanda etc. Dos três primeiros versos, *'hiraṇyavarṇām'*, etc., a métrica é Anuṣṭubh. Do verso *'kāṃso'smi'* a métrica é Bṛhatī, dos dois outros Triṣṭubh (é a métrica); dos oito seguintes a métrica é Anuṣṭubh. Do restante, a métrica é Prastārapaṅkti. A divindade é o Fogo que é Śrī. A semente é *'hiraṇyavarṇām'*. O poder é *'kāṃso'smi'*. A consagração dos membros é (feita) com as palavras *hiraṇmayā candrā rajatasrajā hiraṇyasrajā*[3] *hiraṇyā hiraṇyavarṇa* começando com *Om*, terminando com *namaḥ* (isto é saudação), e tendo os substantivos declinados no caso dativo. Em seguida (vem) a consagração dos membros com as tríades de faces. Com os versos do Śrīsūkta se consagram, em ordem, a cabeça, os olhos, os ouvidos, o nariz, o rosto, o pescoço, os dois braços, o coração, o umbigo, as partes íntimas, as coxas, os joelhos e os pés.

1.4. Sentada no lótus imaculado, colorido conforme o seu pólen se acumula, tendo em suas mãos de lótus o par de lótus e a promessa simbolizada de temores dissipados e bênçãos concedidas, com a coroa de joias e diversos ornamentos – belamente adornada – que Śrī, a Mãe do mundo inteiro, promova as nossas fortunas sempre.

A roda da Deusa da Prosperidade

1.5. Seu assento: com o objetivo mantido em vista, coloque no pericarpo a 'sílaba-semente' de Śrī, e nos lótus de oito pétalas, de doze pétalas, e dezesseis pétalas os meios-versos do Śrīsūkta (Hino de Śrī); fora dele (do lótus de dezesseis pétalas), (coloque) o verso *'yaḥ śucih'*, etc., junto com o alfabeto (de *a* até *ḷa*[4]), (e fora e ao redor) coloque a 'sílaba semente' de Śrī. Além disso, desenhe os dez membros do diagrama. Então invoque a Deusa Śrī.

---

[2] A forma do Quarto se refere ao bem conhecido aspecto transcendente da sílaba Om com o qual a Deusa da Prosperidade ou Śrī é identificada. Veja a *Māṇḍūkya Upaniṣad,* 1.12.

[3] [Palavra não encontrada nas transliterações acessíveis].

[4] [Veja o nome dos sons do alfabeto na *Akṣa Mālika Up.* Verso 5].

1.6. Com os membros (por exemplo, '*śrām* saudação ao coração'), a primeira envoltura (é feita); com Padmā, etc.[5], a segunda envoltura; com os mantras dos Senhores do Mundo, a terceira; com os [mantras] das armas deles, a quarta envoltura. Com o hino de Śrī, invocações[6], etc., (deve ser feitas). Dezesseis mil declarações (do hino devem ser feitas).

O vidente, etc. do Mantra de uma única sílaba

1.7. Do encantamento monossilábico de Ramā, a Deusa da Prosperidade, o vidente, métrica e divindade são Bhṛgu, Nicṛd-Gāyatrī e Śrī. O poder da semente é *śam*. Os seis[7] membros estão *śrām*, etc.
1.8. Residente no lótus, de olhos de lótus, seu lar o seio de Śrī Padmanābha[8]; suas mãos seguram um par de lótus e garantia de dádivas e temores dissolvidos. Brilhante como o ouro polido, banhada em águas contidas em jarros por trombas de um par de elefantes cintilantes como as nuvens brancas e imaculadas; sua coroa enfeitada com pedras preciosas agrupadas, vestida em seda extremamente pura, ungida com unguentos doces, que Śrī promova o nosso bem-estar continuamente.

A roda do encantamento monossilábico

1.9. Seu assento: O assento de Ramā (a Deusa da Prosperidade) é composto por oito pétalas, três círculos, divisões abrangendo doze casas[9], e quatro lados. No pericarpo (são inscritas) as sementes de Śrī, mantendo o objetivo em vista. Adore os nove[10] poderes com as palavras 'prosperidade', 'dignidade', 'glória', 'criação', 'honra', 'humildade', 'individualidade', 'elevação' e 'bem-estar' no caso dativo, tendo cada uma delas *Om* no início e *namaḥ* (saudação) no final.
1.10. A primeira envoltura é feita com os membros; a segunda com Vāsudeva[11], etc.; a terceira com Bālāki[12], etc.; a quarta com Indra, etc. A declaração (do encantamento deve ser repetida) doze lakhs[13] de vezes.

O Mantra específico de Lakṣmī

1.11. Śrī Lakṣmī, a concessora de dádivas, a esposa de Viṣṇu, a doadora de riquezas, de forma dourada, está adornada com uma coroa de ouro e um colar de prata. Ela tem o brilho do ouro, está em uma fortaleza de ouro, e vive no lótus.

---

[5] Padmā, Padmavāsinī, Padmālayā, Padmahastā, Padmapriyā, Varadā, Viṣṇupatnī e Ātilakṣmī são obviamente os oito nomes da Deusa da Prosperidade. Esses provêm da associação purânica da Deusa com o lótus e com o Senhor Viṣṇu.
[6] Referindo-se ao elaborado culto de dezesseis partes, o Ṣoḍaśopacāra.
[7] A referência aqui parece ser ao Ṣoḍhānyāsa [isto é, às 16 maneiras de dispor textos mágicos no corpo]. A essência do *nyāsa* é a imaginação ou *bhāvana* de que certos seres divinos residem em certas partes ou *aṅgas* do corpo. Veja o comentário de Bhāskarācārya sobre o verso 4 do *Lalitāsahasranāma* ['Os Mil Nomes de Lalitā']. Os seis *aṅgas* são a cabeça, o rosto, o coração, o umbigo, as partes íntimas e os pés.
[8] ['De umbigo de lótus', nome de Viṣṇu (de cujo umbigo brotou o lótus que continha Brahmā, o futuro criador)'. – Monier-Williams].
[9] As doze casas correspondem às doze divisões do mapa natal ou horóscopo.
[10] Os nove poderes se manifestam nas operações da Deusa Lakṣmī que levam a *vibhūti*, etc. enumeradas no texto.
[11] Vāsudeva etc. são os quatro *vyūhas* ou modos de Viṣṇu, a saber, Vasudeva, Saṃkarṣaṇa, Pradyumna e Aniruddha, representando, respectivamente, o Senhor Supremo, o ser individual ou *jīva*, a mente ou *manas*, e egoísmo ou *ahaṃkāra*. Veja o *Brahmasūtra*, 2.2.42.
[12] A lista consiste em Bālāki, Bhakti, Mukti, Vibhūti, Ṛddhi, Samṛddhi, Tuṣṭi, Puṣṭi, Dhātrī – obviamente aspectos e atributos da Deusa da Prosperidade.
[13] [1 lakh = 100.000].

Ela segura um lótus na mão e ama o lótus. A pérola adorna-a. Ela é a deusa-lua e a deusa-sol, gosta de folhas de *bilva* e é poderosa. Ela é prazer, libertação, prosperidade, crescimento, progresso real, a aração (e o) desenvolvimento. Ela é a concessora de riquezas e a senhora das riquezas. Ela é a fé, rica em prazeres, a que dá prazeres, a sustentadora, a ordenadora – esses e outros termos no caso dativo, com *Om* no início e *namaḥ*, no final, são os mantras. O assento tem oito membros com o monossílabo inscrito nele. Um lakh (em número) são as declarações (dos encantamentos). A propiciação é (feita com) um décimo (de lakh). A oblação é (feita com) a centésima parte. A gratificação dos duas-vezes-nascidos é (ganha com) a milésima parte.
1.12. A perícia na ciência de Śrī está reservada para aqueles que estão livres de desejos, nunca para aqueles que nutrem desejos.

Segunda Parte

O caminho do conhecimento para os aspirantes mais elegíveis

2.1. Então os deuses disseram a Ele: 'Explica o princípio indicado pela quarta *māyā* (ou seja, a final)'. 'Que assim seja', disse Ele: 'O yoga deve ser conhecido através do yoga; a partir do yoga, o yoga aumenta; quem através do yoga está sempre alerta, esse iogue se deleita nisso por longo tempo.

O caminho do controle da respiração junto com os gestos das seis faces

2.2. Desperte do sono, comendo apenas pouco; quando o alimento consumido estiver digerido corretamente, sente-se comodamente em um lugar retirado, não perturbado por pragas, sempre livre de desejos – esse é esforço. Então domine a respiração e não se desvie do caminho da prática.
2.3. Enchendo a boca de ar e na sede do Fogo[14] puxando o ar descendente, lá prendendo, com os seis dedos das mãos, começando dos polegares, fechando os ouvidos, olhos e narinas também, os iogues contemplam dessa maneira a luz interna; suas mentes envoltas no curso de variadas reflexões sobre o *Om* sagrado.

A soltura dos três nós antes do aparecimento do som

2.4. Ouvidos, boca, olhos e narinas devem, forçosamente, ser parados ioguicamente; clara e perfeita então é ouvida a nota no canal purificado de Suṣumṇā[15].
2.5. Em Anāhata, então, ressonante com notas estranhas, um som é ouvido. Sagrado torna-se o corpo do iogue; assim cheio de esplendor e odor celeste ele não mais fica doente;

---

[14] A sede do Fogo abrange o *mūlādhāra* e o *svādhiṣṭhāna* envoltos nos raios do Fogo situado exatamente acima deles. Esses dois constituem o *rudragranthi* [ou o *brahmagranti*, veja o § 2 da introdução]. Veja o comentário de Lakṣmīdhara sobre o verso 14 da *Saundarya Lahari*.
[15] A *suṣumṇā* é a artéria que se encontra entre a *iḍā* e a *piṅgalā,* através da qual a *kuṇḍalinī* sobe até o *sahasrāra*, o lótus de mil pétalas acima do *ājñā cakra*.

2.6. O seu coração está satisfeito; quando o espaço do coração[16] ressoa, um iogue ele se torna; rompendo o segundo nó[17], a respiração flui imediatamente para a região do meio[18].
2.7. Equilibrado na postura do lótus e outras, também, o iogue deve estar firmemente estabelecido. O nó de Viṣṇu então rompido, o deleite brota supremo.
2.8. Além do Anāhata, 'a nota não tocada', sobe o som retumbante do tambor; com energia, perfurando o nó de Rudra, a nota do *mardala*[19] é ouvida.

O modo do Brahman infinito

2.9. O ar vital se move para o Espaço Maior[20], a morada segura de todas as perfeições; dali, ignorando o deleite da mente, o ar permeia todas as bases iôguicas[21].
2.10. Yoga realizado, o som onipenetrante tilinta[22] e por isso é chamado de 'o sino'. Então, integrada, a mente de sábios como Sanaka e o resto é adorada.
2.11. Identificando o finito com o infinito, os fragmentos com o Todo, se medita na vasta Fonte; a realização [sendo] assim encontrada alguém se torna imortal.

O estado de certeza

2.12. Através da unidade com o Ser, evite o contato com outros; assim também, pela essência do Eu deve-se resistir ao eu de outro; desse modo, tornando-se a Verdade Suprema, livre de todas as dualidades, alguém é Supremo para sempre.
2.13. Renuncie ao sentimento de eu; sim, deste mundo, de aparência tão diversa. Nunca mais há tristeza para o sábio radicado na Verdade transcendente.

Os sintomas de concentração

2.14. Como sal derretido e fundido em água, assim o eu e a mente em unidade são misturados. Isso é chamado de concentração.
2.15. A respiração diminui e a mente se dissolve, e a Bem-aventurança homogênea é encontrada. Isso é concentração.
2.16. A fusão dos eus inferiores com o superior livre de todas as imaginações é denominada concentração.
2.17. Livre-se da luz da vigília, e da mente que sonha; livre-se do sono que não conhece nenhum outro, livre-se de tudo o que causa dor; vazio total, sem reflexões – isso é concentração.

---

[16] O espaço do coração é o que é chamado de *brahmapura*, a residência de Brahman, no corpo humano.
[17] O segundo nó é o *viṣṇugranthi* que abrange os *cakras maṇipūra* e *anāhata* envoltos nos raios do sol situado acima desses dois centros ou rodas místicas.
[18] A região mística limitada por e incluindo os *cakras mūlādhāra* e *ājñā* é dividida em três partes e atribuída ao Fogo, ao Sol e à Lua. O *mūlādhāra* e o *svādhiṣṭhāna* constituem a seção mais baixa, a região do Fogo, ela é também conhecida como *rudragranthi*, o nó de Rudra [ou o *brahmagranti*, veja o § 2 da introdução]. A segunda seção abrange o *maṇipūra* e o *anāhata,* ela é a região central do Sol e é conhecida como *viṣṇugranthi,* o nó de Viṣṇu. A terceira e mais alta região abrange os *cakras viśuddhi* [ou *viśuddha*] e *ājñā*. Ela é a região da Lua, e é também conhecida como *brahmagranthi*, o nó de Brahman [ou *rudragranthi*].
[19] [Um tipo de tambor].
[20] O 'espaço maior' mencionado é o espaço do lótus de mil pétalas simbolizado pela região acima do *ājñā cakra,* onde a união mística entre a *kuṇḍalinī* e Sadāśiva (ou o Jīvātman e o Paramātman) ocorre. Veja o comentário de Lakṣmīdhara sobre o verso 14 da *Ānandalaharī*.
[21] 'Todas as bases iôguicas' provavelmente se refere aos vários centros de desejos para a obtenção dos quais o yoga é praticado.
[22] Os pontos tilintantes para o som onipenetrante, afirmando a identidade da alma individual e do Espírito Universal.

2.18. Através da visão concentrada incessante, quando não há pensamento sobre o corpo, então o Eu não-ativo é realizado – isso se chama concentração.
2.19. Para onde a mente vagueia, lá, exatamente lá, é a morada primordial; lá, lá mesmo, se encontra o Brahman supremo que reside igualmente em toda parte.

Terceira Parte

A roda básica [*Ādhāra-cakra* - Mūlādhāra]

3.1. Em seguida, os deuses disseram a Ele: 'Ensina-nos a discernir as nove rodas'. 'Que assim seja', disse Ele.

Na base é a roda de Brahman em forma de um círculo triplo de ondas. Nessa raiz há um poder. Deve-se meditar sobre ela em forma de fogo. Lá mesmo se encontra a base na forma de desejos; ela produz os objetos de todos os desejos. Essa é a roda básica.

A roda de Svādhiṣṭhāna

3.2. A segunda é a roda de Svādhiṣṭhāna; ela tem seis pétalas. No centro dela há um falo virado para o oeste. Deve-se meditar nela como semelhante a um broto de coral. Bem ali é a 'base da cintura', que produz o poder de atrair o mundo.

A roda do umbigo [*Nābhi-cakra* - Maṇipūra]

3.3. A terceira é a roda do umbigo, um grande redemoinho com uma forma tortuosa como a de uma serpente. Medite em seu centro como o 'poder da serpente', refulgente como um crore [dez milhões] de sóis nascentes e semelhante ao relâmpago. Ela tem o poder de competência e produz todas as perfeições. Ela é a roda (chamada) Maṇipūraka.

A roda do coração [*Hṛdaya-cakra* - Anāhata]

3.4. A roda do coração tem oito pétalas e está virada para baixo. Em seu centro, no falo de luz, deve-se meditar. O símbolo (do poder divino), aqui, é o cisne. Ela é amada por todos e encanta todos os mundos.

A roda da garganta [*Kaṇṭha-cakra* - Viśuddhi]

3.5. A roda da garganta (estende-se pela) largura de quatro dedos. Lá à esquerda está Iḍā, o nervo da lua; à direita está Piṅgalā, o nervo do sol. Em seu centro, em Suṣumṇā de cor clara, deve-se meditar. Quem sabe isso se torna o concessor da perfeição de Anāhata ('a nota não tocada').

A roda do palato [Tālu-cakra]

3.6. A roda do palato: lá flui o elixir imortal; a imagem do pequeno sino está no orifício de onde está suspenso 'o dente real' (a úvula), a décima abertura. Deve-se meditar sobre o vazio lá. A dissolução da substância mental ocorre.

A roda da fronte [*Bhrū-cakra* - Ājñā]

3.7. A sétima, a roda da testa, tem a medida do polegar. Lá, no olho do conhecimento, em forma de língua de chama, deve-se meditar. Essa é a base do crânio, a roda de Ājñā, a que dá poder sobre as palavras.

A roda de 'orifício de Brahman[23]' [Brahmarandhra-cakra]

3.8. O orifício de Brahman é a roda do nirvāṇa. Lá deve-se meditar sobre a abertura em forma de um fio de fumaça, mais fina que uma agulha. Lá é a base das malhas, a concessora de libertação. Portanto, ela é a roda do Brahman supremo.

A roda do espaço [Ākāśa-cakra]

3.9. A nona é a roda do espaço. Lá está o lótus de dezesseis pétalas, voltado para cima. Seu pericarpo no meio tem a forma dos "picos triplos" (o centro das sobrancelhas). Em seu centro deve-se meditar sobre o poder ascendente, o vazio supremo. Lá de fato é a base da "monte pleno", o instrumento de realização de todos os desejos.

O fruto de estudar essa Upaniṣad

3.10. Aquele que estuda constantemente esta Upaniṣad é purificado pelo fogo e pelo ar; ele toma posse de todas as riquezas, grãos, bons filhos, esposa, cavalos, terras, elefantes, animais, búfalos fêmeas, assistentes mulheres, yoga e conhecimento. Ele não volta mais. Essa é a doutrina mística.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

Aqui termina a Saubhāgyopaniṣad, incluída no Ṛgveda.

---

[23] [A 'fenda de Brahma', uma sutura ou abertura no topo da cabeça (através da qual é dito que a alma escapa na morte)'. – Dicionário Monier-Williams].